

Tatiana Pedrosa
Organizadora

PATRIMÔNIO, HISTÓRIA E CIDADES: OLHARES INTERDISCIPLINARES



LETRAPITAL

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFG)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (FAAO)

João Medeiros Filho (UCL)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sergio Azevedo (UENF)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Tatiana Pedrosa
ORGANIZADORA

**PATRIMÔNIO, HISTÓRIA E CIDADES:
OLHARES INTERDISCIPLINARES**

LETRAPITAL

Copyright © Tatiana Pedrosa (org.), 2018

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.*

EDITOR
João Baptista Pinto

CAPA
Luiz Guimarães
(Tela do artista Otoni Mesquita)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Luiz Guimarães

REVISÃO
DOS AUTORES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P341

Patrimônio, história e cidades: olhares interdisciplinares / organização Tatiana Pedrosa.
- 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.
182 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7785-642-8

1. Patrimônio cultural - Brasil. 2. Patrimônio cultural - Proteção - Brasil. 3. Memória - Aspectos sociais. I. Pedrosa, Tatiana.

19-56657 CDD: 363.690981
CDU: 304(81)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefax: (21) 3553-2236/2215-3781
letracapital@letracapital.com.br

Sumário

Nem tudo pode ser arquivado e classificado: à guisa de prólogo.	7
<i>Alfredo Wagner Berno de Almeida</i>	
O patrimônio cultural imaterial indígena.....	11
<i>Roque de Barros Laraia</i>	
A Parintins escondida na “capital da cultura”	21
<i>Dayanne Cristine Pires Dagnaisser</i> <i>Lúcia Marina Puga Ferreira</i> <i>Tatiana de Lima Pedrosa Santos</i>	
“Coletar aqui, coletar ali”: O sistema dos objetos através dos Museus Domésticos	41
<i>Murana Arenillas Oliveira</i> <i>Tatiana de Lima Pedrosa Santos</i>	
Para além do som: o saber fazer do “Grupo Cultural Encanto do Quilombo”	55
<i>Marcos Alan Costa Farias</i>	
Elites indígenas na era pombalina: um projeto de conquista na Amazônia (1750-1798)	68
<i>Rafael Ale Rocha</i>	
Ressonância vocal e memória na cultura material: arqueologia colaborativa e simétrica na Serra Azul, no Estado do Ceará	90
<i>Marcélia Marques</i>	
Memórias e identidades: as ausências da memória	106
<i>Geraldo Jorge Tupinambá do Valle</i>	

Arqueologia, memória e patrimônio nos leprosários da Amazônia	132
<i>Rhuan Carlos dos Santos Lopes</i>	
O corpo feminino em <i>Novas cartas portuguesas</i> e nas pinturas de Tamara de Lempicka	145
<i>Aline de Souza Rocha</i>	
<i>Otávio Rios</i>	118
Os remédios da Manaus Antiga: abordagens e considerações	160
<i>Tatiana de Lima Pedrosa Santos</i>	
<i>Samuel Lucena de Medeiros</i>	
<i>Marcus André dos Santos Bernardes Rabelo</i>	
<i>Tammy Rosas Ramos</i>	

A Parintins escondida na “capital da cultura”

Dayanne Cristine Pires Dagnaisser (PPGICH – UEA)

Lúcia Marina Puga Ferreira (PPGICH – UEA)

Tatiana de Lima Pedrosa Santos (PPGICH – UEA)

Introdução

A cidade de Parintins, conhecida internacionalmente pelos bois-bumbás, o que colaborou para que ela recebesse o título de “Capital da Cultura e do Folclore do Amazonas”, é “fantasiada” no período pré-festival para receber os visitantes, com pinturas das calçadas e de prédios públicos, asfaltamento nas principais avenidas, recolhimento intensivo de lixo, poda das árvores na região central, entre outras melhorias temporárias.

Durante o evento nota-se a existência de um reforço na estrutura de pessoal de diversos órgãos públicos, principalmente na segurança, com o apoio de policiais civis e militares provenientes da capital do Estado; a saúde também é reforçada por meio de equipamentos e especialistas para atuarem neste período; a distribuidora de energia traz mais geradores; outros órgãos também melhoram ou reabrem atendimento apenas durante o evento.

Quem chega para visitar, acredita que Parintins tem uma ótima e perene estrutura e que por isso possui um evento desse porte, e na verdade o que acontece é justamente o inverso, pois a cidade ganha essa estrutura por conta do evento. Contudo, logo após o encerramento da festa, muitas demandas deixam de ser atendidas, havendo por exemplo racionamento de água diário durante a madrugada e racionamentos esporádicos de fornecimento de energia, ou seja, fora do período que envolve o Festival, Parintins mostra-se uma cidade com uma realidade muitas vezes paradoxal ao que se vê durante a festa.

Ironicamente, a cidade possui uma Casa da Cultura que, após uma reforma realizada para sua ampliação, sequer chegou a ser

reinaugurada, transformando-se em ruínas, as quais ficaram escondidas por muitos anos atrás de placas de publicidade, para que o episódio de corrupção na construção do prédio fosse esquecido. Entretanto, em 2013, com o surgimento do Movimento Parintins sem Fantasia, através de atos públicos e atividades culturais, foram reivindicados vários pontos junto às autoridades e realizou-se a ocupação do local juntamente com outros movimentos.

O Movimento Parintins sem Fantasia (MPSF) devido suas características, suas ações coletivas e o modo como foi construída a sua identidade coletiva se aproxima do que alguns teóricos chamariam de novos movimentos sociais, mas para compreendermos esse paradigma, em um dos capítulos desse artigo é feita uma breve reflexão sobre o que de fato seriam movimentos sociais.

Parintins: a capital da cultura com a casa em ruínas

Parintins é um município localizado no Estado do Amazonas, que, segundo o IBGE (2017), possui uma área territorial de 5.952,369 km² e uma população estimada em 112.716 mil habitantes para o ano de 2016. Tal município possui uma sede que transfigura-se anualmente durante o Festival Folclórico de Parintins, evento que tem como principal expoente a apresentação dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido, no último final de semana do mês de junho.

A respeito disso, Wilson Nogueira lembra que (2014, p. 29) os parintinenses costumam afirmar que Parintins é a sala de visita do Amazonas, devido a sua localização geográfica, já que esta é a primeira cidade amazonense a ser avistada por quem sobe o Rio Amazonas, vindo do Pará. Contudo nos dias de hoje, esse agrado, fruto do estado de autoestima do morador local, tomou outro sentido, com a fama do festival folclórico protagonizado pelos bois-bumbás Garantido e Caprichoso dentro e fora do país. A esse respeito, Ana Rúbia Fernandes (2002, p. 100) disserta que

O município de Parintins, desde o final da década de 80, vem passando por transformações econômicas, sociais e cul-

turais, reflexo da dimensão adquirida pelo Festival Folclórico local, promovido que foi a manifestação cultural simbólica da Amazônia.

Dentre essas transformações percebe-se uma preocupação visual com a cidade, foi construída e modificada ao longo dos anos para ser a “vitrine” vista pelos turistas que vêm à cidade, tanto em cruzeiros durante o ano todo, como para o Festival Folclórico. Pesavento (1999, p. 32) nos lembra que “a cidade se aprende antes de tudo pelo olhar. Objeto visual, primeiramente, ela dá lugar a uma percepção perpetuamente renovada”.

E é essa cidade de Parintins que se torna a capital da cultura e do folclore, dividida ao meio por uma linha imaginária que vai até o Bumbódromo¹, incluindo o centro da cidade e seus bairros adjacentes. Essa parte da cidade recebe uma atenção diferenciada, principalmente em relação a estrutura pública, como o asfaltamento, pintura do meio fio, arborização e limpeza, além disso inclui praças, sinalizações e o mural de esculturas no Bumbódromo com temas amazônicos. E são revitalizados anualmente no período que antecede o Festival, para deixar a cidade pronta para o espetáculo, ou por que não, para torná-la uma cidade-espetáculo. O que nos remete ao que Lefebvre *apud* Mesquita (2016, p.86) cita quando diz que a própria cidade “é uma obra de arte. Enquanto isso, os outros bairros são negligenciados, invisibilizados, deixados para receberem reparos posteriormente, isso quando recebem.

Contudo, mesmo nessa Parintins embelezada, existem locais que são o reflexo do desvio de verbas públicas e não compõem essa cidade ideal, feita pra ser vista e que por isso são escondidos atrás de *outdoors*, para que não seja lembrada a corrupção que os envolve. Esse o caso do prédio em ruínas da Casa da Cultura, um grande “elefante branco” localizado a poucos metros do Bumbódromo, e que por estar na parte “vista” da cidade e por seu tamanho, já que ocupa quase uma quadra inteira, precisou ser invisibilizado e silenciado por *outdoors* com propagandas coloridas,

¹ Nome oficial do Centro Cultural Amazonino Mendes, uma arena com o formato estilizado da cabeça de boi, projetado especialmente para a apresentação dos bois-bumbás, Caprichoso e Garantido, local este onde é realizado o Festival Folclórico de Parintins

que desviam o olhar do que está por trás. Sobre isso Rama (2015, p. 38) nos aponta que:

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem. Há um labirinto de ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem. Isso é obra da cidade letrada. Só ela é capaz de conceber, como pura especulação, a cidade ideal, projetá-la antes de sua existência, conservá-la além de sua execução material, fazê-la sobreviver mesmo em luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum.

Lynch (2005, p. 57) complementa ao afirmar que “parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos”. Já que mesmo que cada indivíduo tenha sua imagem de Parintins, a imagem coletiva se sobressai.

“Eis aqui o templo dos excluídos da cultura”

O Festival Folclórico de Parintins mostra-se um evento conhecido mundialmente, atraindo milhares de turistas vindos de outros estados e dos municípios adjacentes paraenses e amazonenses, durante as três noites de festival, além de contar com apresentações a navios transatlânticos que ancoram na cidade durante os meses de setembro a novembro, oriundos de várias nações, atraídos pela beleza exótica da região e da festa.

Por este motivo, o município de Parintins foi declarado no dia 16 de março de 2012, como “capital da cultura e do folclore” do Amazonas, por meio do Projeto de Lei do deputado estadual Tony Medeiros (PSL), aprovado na 14ª Edição da Reunião Itinerante da Assembleia Legislativa do Amazonas. (AMAZONAS, 2012)

Como Parintins ficou internacionalmente conhecida por suas manifestações culturais e por ser uma grande exportadora de ar-

tistas de diversas áreas, muitas obras públicas foram realizadas visando expandir esse potencial, entre elas a reforma e ampliação da Casa da Cultura “Alzira Saunier”. A história do lugar iniciou quando ocorreu sua indicação para a construção em 1977, contudo só alcançou parecer favorável para alocação de verbas em 1980, tendo a obra iniciada apenas em 1990, o que nos mostra a relevância da obra para Parintins, já que para a época era tido como um projeto inovador. O local funcionou por cerca de dois anos, até que o prédio teve parte de sua estrutura demolida em 1992, para uma reforma que nunca chegou a ser concluída segundo Pessoa (2017, p. 23).

Tal reforma tinha como objetivo a ampliação da Casa de Cultura, onde funcionaria a Biblioteca Pública, a pinacoteca municipal, o museu do folclore, o arquivo municipal, a escola de música e o auditório, contudo o prédio nunca chegou a ser reinaugurado e por isso figura entre uma das obras inacabadas de Parintins, fruto de um grande desvio de dinheiro público, objeto de investigação no processo sobre prejuízo ao Cofres e Improbidade Administrativa municipal, junto ao Tribunal de Contas da União e na Justiça Federal, no qual foram arrolados o ex-prefeito de Parintins Raimundo Reis Ferreira e seu vice Osvaldo Ferreira, que governaram no período de 1 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996.

O processo envolve ainda o ex-prefeito Carlos Alberto Barros da Silva, que governou Parintins de 1 de janeiro de 1997, cassado no final de outubro de 1998 e seu vice, Heraldo Maia. De acordo com a denúncia do Ministério Público Federal o processo se deu por conta da decorrência de irregularidades na aplicação dos recursos recebidos por força do Convênio nº E050/96-SE (fls. 93/99), firmado entre o Município e a União, por intermédio do Ministério da Cultura, que tinha o objetivo de “recuperar e ampliar a Casa de Cultura “Alzira Saunier”.

Na época o valor de convênio foi de R\$ 440.000,00 (quatrocentos e quarenta mil reais), sendo R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais) de responsabilidade da União e R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) por parte do município, com vigência até 28 de outubro de 1996, contudo de acordo com a denúncia foram repassados ao município R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais), em 5 de julho de 1996, R\$ 170.000,00 (cento e setenta mil reais) , em 14 de agosto de 1996

e R\$ 170.000,00 (cento e setenta mil reais), em 17 de outubro de 1996. Segundo consta na defesa dos acusados, ao final da gestão na cidade de Parintins, Raimundo Reis Ferreira decidiu adquirir o restante do material para que as obras fossem concluídas e efetuou o pagamento antecipado às empresas executoras, já que estava com certo receio de que seu sucessor não desse continuidade à obra. Contudo as empresas responsáveis pelas obras confirmaram que receberam ordens do novo prefeito Carlos Alberto Barros da Silva para paralisar os serviços. (BRASIL, 2003)

Segundo o advogado Juscelino Melo Manso, o processo da Casa da Cultura já foi julgado e os responsáveis foram condenados tanto no Tribunal de Contas da União (TCU) quanto na Justiça Federal: o ex-prefeito Carlos Alberto Barros da Silva foi condenado a devolver 30% do recurso e o ex-prefeito Raimundo Reis a devolver 70%, o que já ultrapassava R\$ 1 milhão em valores atualizados. O advogado lembra que para que fosse liberado o recurso era necessário que o terreno fosse de propriedade do município, ou seja, a Casa da Cultura faz parte do patrimônio do município. (SOARES, 2013)

Contudo, tal patrimônio ficou abandonado por décadas (Figura 1), sem que nenhum governante local fizesse algo a respeito, e como a ruína do que deveria ser a Casa de Cultura de Parintins fica localizada próximo ao Bumbódromo, o poder público tomou como estratégia para escondê-la dos olhos dos visitantes e da população local, a colocação de *outdoors* tanto na frente quanto atrás do prédio, visto que o mesmo tem entrada pelos dois lados por ruas diferentes, que servem de passagem para quem vai ao Festival. Infelizmente o lugar também era utilizado para o consumo de drogas e de outros delitos.



Figura 1: Ruínas da Casa da Cultura

Fonte: <https://www.facebook.com/ernestina.moraes/posts/10206802627463015>

Rykwert (2004, p. 25) ao questionar “[...] quais estratégias estão abertas para os cidadãos que gostariam de moldar seu habitat mais em conformidade com suas aspirações. O orçamento sempre coloca limitações para uma administração urbana”, nos leva a refletir sobre o Movimento Parintins sem Fantasia, enquanto forma de posicionamento da coletividade a respeito do desvio do dinheiro público e do mascaramento da obra inacabada.

Movimento parintins sem fantasia

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. (LYNCH, 2005, p. 11)

O Movimento Parintins sem Fantasia enquanto movimento social nasceu da união de ideias coletivas de vários grupos sociais, tendo caráter suprapartidário, ou seja, possui atores sociais de diversos partidos, contudo não se submete ao interesse particular de nenhum deles.

Sobre isso Rykwert (2004, p. 8) discorre que a cidade, independente de seu tamanho, jamais é absolutamente passiva. E é perceptível que como há uma constante interação entre a sociedade e o tecido urbano, não há como modificar nossas cidades sem a ocorrência de mudanças na sociedade ou vice-versa.

Segundo Pessoa (2017, p. 30) o MPSF foi formado durante a Semana Acadêmica do Curso de Serviço Social da UFAM/Campus Parintins, no mês de agosto de 2013, quando em alguns debates A Casa da Cultura surge como exemplo da corrupção de determinados governos e da inércia dos seguintes, o que levou ao clamor por intervenção e enfrentamento; com isso o movimento Articulação Parintins Cidadã sugeriu uma mobilização com vistas a tirar da invisibilidade e do silenciamento a questão da Casa da Cultura, além disso contou com a participação da Associação dos Catadores de Lixo de Parintins (ASCALPIN), Movimentos Estudantis, Tecnólogos do curso de Gestão Ambiental do IFAM, entre outros. O Movimento Parintins sem Fantasia surge então como um movimento voltado para a ação coletiva, formado inclusive por um grupo heterogêneo, e tendo com crítica primeira o próprio nome que nos remete a pensar em uma Parintins sem mentiras.

O MPSF, de acordo com um vídeo da fala de um de seus integrantes, nos diz que:

“A Casa de Cultura é um símbolo do descaso do poder público, é um símbolo da própria corrupção na cidade de Parintins, desde 96 essa obra, uma obra que tá embargada e nos últimos anos ela tem sido mascarada, por alguns *outdoors*, e a gente até realizou uma ação aqui de derrubada desses *outdoors* para mostrar pra população que existe essa casa de cultura, e denunciar isso pra população, mostrar pra população que a gente precisa de mais espaço, que Parintins é mais do que boi, que a gente precisa de cinema, de teatro, de espaços culturais mais bem estruturados na cidade. Um despertar da população parintinense pra questão da cultura e do lazer e mais do que isso representa a iniciativa de um grupo de pessoas, que a cada dia, a cada minuto ele se amplia cada vez mais, disposto a pensar, essa questão de lazer, cultura e educação do município. E essa na verdade é a nossa primeira ação de uma série de outras atividades que a gente pode pensar do ponto de vista político-cultural, pra tentar debater o que é Parintins de fato, e não a Parintins que a gente chama de Parintins com fantasias, que é a Parintins mascarada, aquela Parintins que parece que só existe nos três dias de festival”. (MOVIMENTO PARINTINS SEM FANTASIA, 2013)

Para Mesquita (2016, p. 78 e 79) como a cidade é receptáculo de diversas tendências, seus espaços acabam por repercutir e configurar “os desejos dos homens, suas lutas psicológicas, sociais e religiosas, gerando um amplo território de tensão.” O que se percebeu com isso foi que tais espaços de relações tensas fazem com que haja a sobreposição de determinadas tendências sobre outras, que acabam por definir as características dos espaços da cidade. O que reflete na forma da cidade e nos interesses que se confrontam em seu interior.

Essa tensão tornou-se visível quando em 22 de agosto de 2013, foi realizada a primeira atividade do MPSF, na qual artistas, universitários, professores, membros de movimentos populares e juvenis reivindicando por melhorias na cidade, não apenas melhorias físicas, ainda que estas entrassem em pauta durante os protestos, mas de melhoria nas condições de acesso no que se refere à cultura, já que na época a cidade não dispunha de políticas públicas culturais efetivas para a população, o que melhorou apenas com a implanta-

ção do Liceu de Artes e Ofícios, sem, contudo, servir de substituto para a Casa de Cultura. Durante a manifestação foi realizada uma caminhada da praça dos bois até as ruínas, onde foi realizado a derrubada dos *outdoors* (Figura 2) que escondiam o local.



Figura 2: Outdoors escondendo a Casa da Cultura e a derrubada deles pelo MPSF

Fonte: <https://goo.gl/AdmzN5> e <http://gazetaparintins.blogspot.com.br/2013/08/manifesterantes-ocupam-casa-da-cultura-e.html>

Pessoa (2017, p. 31) descreve essa atividade dizendo que:

A multidão formada por estudantes e professores secundaristas, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA), membros dos grupos Articulação Parintins Cidadã, Movimento Anarcopunk, Marcha das mulheres, civis em geral chegaram à frente do prédio durante a noite. À luz de velas fizeram a limpeza no local. Foi necessário varrer, capinar, retirar mato das paredes, matar formigas e lavar a casa com a colaboração do Corpo de Bombeiros, principalmente por causa do mau cheiro de lixo e urina.

Tal ocupação durou 3 dias, havendo revezamento de equipes e distribuição de tarefas nas comissões de comunicação, alimentação, segurança e limpeza. Durante esta ocupação observou-se uma característica importante para a legitimação de um movimento social para alguns autores que seria a não existência de um líder da coletividade envolvida, nem quem centralizasse as informações e a representação. Ao contrário, o que se via eram pessoas diversas representando o movimento em entrevistas aos meios de comunicação, e nas conduções de reuniões e das demais atividades, já que o grupo era bem plural. (PESSOA, 2017, p. 31)

Nogueira (2013) nos mostra as principais reivindicações do MPSF ao dizer que:

Os manifestantes reivindicam a conclusão da obra, pressa na apuração do desvio de mais de meio milhão de reais, punição dos prováveis criminosos e, também, responsabilizam os prefeitos que, por incompetência, má-fé ou desleixo com o patrimônio público, empurraram o problema com a barriga até agora. O movimento 'Parintins sem fantasia' – uma afirmação literal de que a cidade não vive só de boi-bumbá, de carnaval e das festas religiosas – assumiu outras lutas por melhorias na qualidade de vida da população. A Casa da Cultura se tornou símbolo da insatisfação da população com o desemprego, com a violência, com os políticos corruptos e, principalmente, com a falta de transparência na administração pública. Afinal, é a manipulação do dinheiro do contribuinte no subterrâneo da gestão pública que estimula e alimenta a corrupção. Em um gesto simbólico pela transparência, os manifestantes derrubaram, com golpes de machado, as enormes placas de publicidade que escondiam a obra inacabada, escovaram, pintaram e adornaram o seu interior com painéis e grafites de artistas locais.

Para Lefebvre *apud* Mesquita (2016, p. 81 e 82) a vida comunitária não impede as lutas de classes, demonstrando também a existência de extremados contrastes entre a riqueza e a pobreza, caracterizando os conflitos entre poderosos e oprimidos. Contudo, isso não impede que haja o apego à cidade, muito menos a contribuição ativa para a beleza da obra, pois nota-se no contexto urbano que tais lutas tendem a reforçar 'o sentimento de pertencer'.

Bofill e Verón *apud* Pesavento (1999, p. 33) afirma que “a troca de sensações entre o espaço da cidade e os seres que a habitam é a matéria-prima da vida urbana; às vezes dolorosa, jamais neutra, ela molda dia após dia a existência dos cidadãos”.

Além da ocupação das ruínas da Casa da Cultura, o MPSF realizou diversas intervenções artísticas (Figura 3), principalmente pinturas, grafites, painéis, colagens, poemas e desenhos, como forma de protestar através da cultura e da arte, além de caracterizar visualmente o lugar e de levar a reflexão sobre a complexidade que envolve o movimento, no seu sentido mais plural.



*Figura 3: Intervenções artísticas na Casa da Cultura de Parintins
Fonte: PESSOA, 2017, p. 39.*

Um dos poemas recitados foi inspirado na obra “A Casa” de Vinicius de Moraes, produzido por Sue Anne Guimarães Cursino Pessoa, intitulada “A Casa da Cultura” (PESSOA, 2017, p. 21), que descreve como ficou a casa da cultura com a ocupação:

É uma casa
Muito engraçada.
Tem grafite
Tem picho
Belíssimos painéis
Todo mundo entra nela sim
Porque na casa
Não tem janela
Nem portas
Nem teto
Lá ninguém pode dormir na rede
Mas sonhar é essencial.
Ninguém pode baixar a guarda
Porque existir é resistir.
Sexo pode ali ser feito com esmero
Fumar, beber, dançar, conversar também.

Turma do rock, do punk, do rap, do hip hop, da universidade, dos movimentos sociais, de qualquer lugar...
Todos compartilham das mesmas paredes.
Parece que ninguém ali é bobo.
Zero, talvez, se a casa tombar.

As ações coletivas no local (Figura 4) reuniam um público muito heterogêneo, incluindo Movimentos Sociais intitulados Articulação Parintins Cidadã, Marcha Mundial das Mulheres, Movimento Parintins sem Fantasia, Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde, Jornal Plantão Popular, Instituto IRAPAM, Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, discentes e professores da UFAM, UEA, IFAM e rede estadual, além de contar com a participação de diversos movimentos de tribos urbanas como anarcopunk, hip hop, rock, entre outros. Além das intervenções artísticas foram realizadas na Casa de Cultura constantes limpezas na casa, shows musicais, recitais de poesias, aulas públicas, exposições de filmes, exposições e reuniões, contudo tais atividades que eram semanais, viraram quinzenais e um ano depois passou a ser esporádico, principalmente em alusão às datas comemorativas, incluindo o aniversário da ocupação. (PESSOA, 2017, p. 33)



Figura 4: Ações coletivas do MPSF
Fonte: PESSOA, 2017, p. 36.

No MPSF nota-se outra característica que é relacionada aos novos movimentos sociais: a comunicação rápida e de certo modo global, já que o movimento, segundo Pessoa (2017, p 36) possui uma página na rede social Facebook com aproximadamente 1600 seguidores, feita a comunicação externa do movimento, com endereço <https://www.facebook.com/Movimento-Parintins-sem-fantasia>, além de possuir um blog <http://pinsemfantasias.blogspot.com.br> que serviu de espaço e divulgação das atividades da ocupação. O que a autora trata como “uma dimensão virtual de manifestação, envolvimento, compartilhamento das informações e militância”.

O MPSF ainda conseguiu realizar audiência junto a Câmara Municipal, um ato público durante uma visita do Governador do Estado à cidade, além de entregar documentos formais junto a Prefeitura por meio de Secretarias; entretanto, nada foi feito pelo poder público até os dias atuais visando a reabertura deste patrimônio. Porém, é importante frisar que com a reforma e ampliação do Bumbódromo, um mês após o início das ações coletivas do MPSF, foi inaugurado no dia 16 de setembro de 2013, o Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro – Unidade Parintins.

Para Mesquita (2016, p. 90) a administração pública geralmente é acusada de tomar como prioridade o aspecto decorativo e monumental das obras públicas, e em Parintins é possível observar tal aspecto no próprio Bumbódromo, o que faz com que as atividades da administração pública remetam às de um vitrinista, que ao organizar o espaço tende a valorizar “determinados elementos e seduzir os possíveis investidores e consumidores”, e para isso não se incomoda de camuflar obras inacabadas com *outdoors* e banners de propagandas.

O Liceu surgiu como proposta governamental para que houvesse uma utilização do espaço do Bumbódromo fora do período do Festival. A iniciativa objetivou oferecer a comunidade local e circunvizinha cursos e espaços culturais para visitação. O local tem a capacidade de atender 5,7 mil alunos em 48 cursos artísticos e técnicos oferecidos em três turnos de segunda a sexta-feira. (AMAZONAS, 2013)

O acervo do Liceu conta com a Biblioteca Fred Góes; Espaço destinado ao público infantil; Galerias de Artes Jair Mendes e Vândir Santos; Salas Multimídia para apresentação de vídeo e música; Cineclube Odinea Andrade; Instrumentoteca; Memorial Capricho-

so e Memorial Garantido; a Arena e Esculturas na área externa frontal com um mural com 25 esculturas em cimento, criadas por 40 artistas da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins (SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA, 2017).

Apesar da inegável importância do Liceu para a sociedade parintinense, ele não dá conta por si só da demanda de espaços culturais na cidade, sobretudo de espaços contínuos e abertos a várias culturas, pois todos os anos é necessário recolher todo o acervo do Liceu para que as salas possam servir para seu real propósito, camarotes para os espectadores pagantes e camarins para a preparação dos itens dos Bois.

E o que mais pode ser feito no “elefante branco”?

O Movimento Parintins sem fantasia continuou realizando atividades pontuais na Casa da Cultura, principalmente nos aniversários de ocupação. Quatro anos após a intervenção e ocupação, alguns membros do MPSF voltaram para ajudar no puxirum² (Figura 5) em parceria com a Teia de Educação Socioambiental e Interação em Agrofloresta – TEIA.



Figura 5: Puxirum na Casa da Cultura em junho de 2017

Fonte: <https://www.facebook.com/alexandro.medeiros.779/posts/2008042259427689>

Tal intervenção ocorreu para que fosse realizada uma Feira de Quintais (Figura 6) no local, que contou com a comercialização de vários produtos produzidos em hortas caseiras, como Plantas Medicinais, Ornamentais e Frutíferas, além de produtos artesanais dos artesãos locais.

² Mutirão; esforço coletivo para solução de uma necessidade que geralmente dura um dia.



Figura 6: Feira de Quintais

Fonte: <https://www.facebook.com/ernestina.moraes/posts/10206802679424314>

Nessa intervenção, as ruínas do “elefante branco” ganharam mais uma vez visibilidade, com o apoio dos movimentos populares e participação de artistas locais, como o renomado artista plástico parintinense Jair Mendes (Figura 7) que no dia 17 de junho de 2017, participou da ação para revitalização do local, com uma pintura que retrata a cidade de Parintins vista do meio do rio Amazonas, a pedido de uma de suas netas. (REPÓRTER PARINTINS, 2017)



Figura 7: Artista plástico Jair Mendes pintando nas paredes da Casa da Cultura

Fonte: <https://reporterparintins.com.br/?q=276-conteudo-72154-jair-mendes-participa-de-movimento-para-revitalizacao-da-casa-da-cultura-em-parintins>

Vale ressaltar que todas as manifestações em prol da Casa da Cultura, demonstram o sentimento de pertencimento da população local, expressa através de arte e cultura, o que acaba por transformar um bem imóvel do município em patrimônio dos parintinenses e que, portanto, merece ser resguardado e servir

de local da cultura de fato. Iniesta *apud* Agustín Santana (1998, p. 37) entende que:

Patrimônio é a síntese simbólica dos valores identitários de uma sociedade que os reconhece como próprios. Ele implica um processo de reconhecimento, geralmente entre gerações, de alguns elementos (desde o território até a ruína) como parte da bagagem cultural e sua vinculação a um sentimento de grupo. Reconhecida no patrimônio, a comunidade se apresenta a outros.

Para que a Casa da Cultura deixe de ser vista como um “elefante branco” e passe a ser sentido efetivamente como patrimônio, sugere-se que seja utilizada a educação patrimonial. Para tanto, utiliza-se o seguinte conceito de Educação Patrimonial:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA *et al*, 1999, p. 4).

Para Horta *et al* (1999, p. 4) a Educação Patrimonial vem a ser um instrumento de alfabetização cultural, já que o sujeito teria a oportunidade de realizar uma leitura diferenciada do meio em que está inserido, de sua própria realidade sociocultural e histórica, para que assim pudesse compreender de forma mais clara sua vida como sujeito de sua comunidade. E isso teria reflexos na autoestima do indivíduo e da comunidade, o que fará com que seja atribuído um diferente significado ao seu patrimônio cultural. A educação patrimonial vai além de uma simples proposta metodológica, compreenderia sobretudo uma ação social que teria como intuito “ativar a memória social por meios dos bens culturais”, pro-

curando restaurar relações esquecidas, bem como colaborar com a apropriação da herança cultural pela comunidade, para assim proporcionar o resgate ou fortalecimento da autoestima individual e coletiva.

A autora assegura ainda que “A maneira como vivenciamos uma experiência em seus aspectos emocionais, afetivos, vai determinar a intensidade ou a dificuldade do registro dos dados experimentados em nossa memória, e muitas vezes vai dificultar sua recuperação no ato de memorização ou sua relação e conexão com outros dados”. (HORTA *et al*, 1999, p. 9)

A Casa de Cultura precisa ser além de vista, entendida, principalmente em sua dimensão patrimonial, já que conforme Sandra Nogueira (2003, p. 101) “entender os objetos é entender sua função simbólica aceita e incorporada pelas comunidades”. Com isso, nota-se a importância da educação patrimonial para toda a sociedade parintinense, para que a Casa da Cultura seja não apenas mais uma ruína, mas local de memória, de cultura, de luta por direitos e de tantos outros significados.

Para que essa educação patrimonial se torne realidade, tem-se como alternativas políticas públicas para o resguardo desse patrimônio, assim como ações privadas, tendo como apoio a lei de incentivos fiscais, ou ainda que o Festival Folclórico de Parintins, principal expoente da cultura parintinense, “abraçe” esse local, assim como as múltiplas culturas e os diversos movimentos populares que o povoam, buscando sobretudo apoio financeiro, para que este lugar seja visto como de fato a Casa da Cultura da cidade.

Considerações finais

À guisa de conclusão, sem contudo concluir as discussões, percebe-se que as intervenções deram visibilidade a um patrimônio ocultado por anos e além disso o ressignificou, transformando as ruínas da corrupção em local de cultura híbrida parintinense.

Ademais, percebeu-se que a Casa da Cultura tem suas especificidades, principalmente por acolher todos os grupos que se sentem chamados a essa identidade coletiva que foi iniciada pelo MPSF, mas que ainda “habita” as ruínas. Chama a atenção o fato

que uma cidade intitulada de “Capital da Cultura e do Folclore”, recheada de manifestações culturais e de uma pluralidade artística, prefira esconder uma ruína com *outdoors* do que revitalizá-la para gerar não só emprego e renda, mas um espaço de encontros para os mais diversos grupos, para reflexões, para mostrar suas culturas durante o ano todo. Contudo, na contramão disso, Parintins se embeleza apenas nos três dias do Festival e, passa o resto do ano “sem fantasia”.

Percebe-se por fim, que a educação patrimonial se mostra uma alternativa de visibilidade, de reafirmação de pertencimento e de resguardo do patrimônio. Necessitando apenas do interesse público e privado para a valorização desse lugar que deveria ser a casa da cultura, mas que suas ruínas se tornou palco da ação de diversos movimentos populares.

Findo este artigo com a seguinte reflexão: por que o poder público ainda não buscou uma solução para a valorização deste local? Será que é mais interessante para eles esconderem o resultado da corrupção praticada no passado, do que proporcionar a toda a população um local onde se veja e se viva a multiplicidade da cultura parintinense?

Referências

AMAZONAS. *Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas*. Parintins se torna capital da cultura e do folclore do Amazonas. 2012. Disponível em: <<http://constituicao.aleam.gov.br/ANMateria.asp?id=8631>>. Acesso em: 18 mai. 2017

_____. *Governador Omar Aziz inaugura unidade do Liceu Cláudio Santoro em Parintins*. 2013. Disponível em: <<http://www.amazonas.am.gov.br/2013/09/governador-omar-aziz-inaugura-unidade-do-liceu-claudio-santoro-em-parintins/>>. Acesso em: 17 mai. 2017

BRASIL. *Tribunal de Contas da União*. Acórdão Completo. 2005. Disponível em: <<https://contas.tcu.gov.br/juris/SvlHighLight?key=41434f5244414f2d434f4d504c45544f2d3234373132&sort=RELEVANCIA&ordem=DESC&bases=ACORDAO-COMPLETO;&highlight=&posicaoDocumento=0&numDocumento=1&totalDocumentos=1>>. Acesso em: 17 mai. 2017

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. Festival Folclórico: o que muda em Parintins? *SOMANLU*. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas. ANO II, nº 2: edição especial –Manaus: Valer, 2002.

HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf&ved=0ahUKEwilgPbUudfUAhUMhpAKHRQ4DkUQFggcMAA&usg=AFQjCNFOsx2BBJvt2izTxVAI2XzNjohVKw>. Acesso em: 23 jun. 2017

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Parintins*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=1303403>>. Acesso em: 18 mai. 2017

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2005

MESQUITA, Otoni. *Cidade Embelezada como estratégia*. In: MORGA, Antônio Emílio. *Histórias, sentimentos, cidades, encontros e desencontros*. Manaus: EDUA, 2016

MOVIMENTO PARINTINS SEM FANTASIA. *Saiba um pouco mais sobre a manifestação*. 31 ago. 2013. Disponível em: <<http://pinsemfantasias.blogspot.com.br/2013/08/para-quem-nao-pode-acompanhar-ou-nao.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017

NOGUEIRA, S. *A cultura material no processo educativo: museus, objetos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocação de memórias*. *Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. v. 1, n.º 1, p. 97-103, 2003. Disponível em <www.pasosonline.org/Publicados/1103/PS090103.pdf&ved=0ahUKEwiT6Y_RyNfUAhVSI5AKHUAQBHAQFggjMAI&usg=AFQjC-NHmLWO4osXW3o7X4rWfQ55kbCea3w>. Acesso em: 23 jun. 2017

NOGUEIRA, Wilson. *Parintins sem fantasia*. *D24AM*, 09 set. 2013. Disponível em: <<http://blogs.d24am.com/artigos/2013/09/09/parintins-sem-fantasia/>>. Acesso em: 10 mar. 2017

_____. *Boi-Bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia*. Manaus: Valer, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre: EDUFRGS, 1999.

PESSOA, Sue Anne G. C. *Ruína e criação: Relações Complexas em Imagens na Casa da Cultura de Parintins*. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

RAMA, Àngel. *A cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.

REPORTER PARINTINS. *Jair Mendes participa de movimento para revitalização da casa da cultura em Parintins*. Disponível em: <<https://reporterparintins.com.br/?q=276-conteudo-72154-jair-mendes-participa-de-movimento-para-revitalizacao-da-casa-da-cultura-em-parintins>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTANA, Agustín. *Patrimonio cultura e turismo: reflexiones y dudas de um anfitrión*. *Revista Ciencia y Mar*, n. 6, 1998, p. 37-41.

SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA. *Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro – Unidade Parintins*. Disponível em: <<http://www.cultura.am.gov.br/>>

liceu-de-artes-e-oficio-claudio-santoro-unidade-parintins/>. Acesso em: 17 mai. 2017

SOARES, Geandro. Controvérsias e revelações na Audiência Pública sobre a Casa da Cultura na Câmara Municipal de Parintins. *Gazeta Parintins*, Parintins, 02 dez. 2013. Disponível em: <<http://gazetaparintins.blogspot.com.br/2013/12/controversias-e-revelacoes-na-audiencia.html>>. Acesso em: 16 mai. 2017

Endereço: Avenida Constantino Nery, 68, apto. 501 – Centro, CEP: 69010-160, email: daydagnaisser@gmail.com, telefone celular: (92)98107-6040